

ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRAS DE HOJE

Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language

Letras de hoje Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335 <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2025.1.47271>

SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE

Uma análise da deficiência dos leitores na atualidade com base em *Pinóquio*, de Carlo Collodi*An analysis of the disability of readers today based on Pinocchio, by Carlo Collodi**Un análisis de las discapacidades de los lectores actuales a partir de Pinocho, por Carlo Collodi***Cláudia de Marchi¹**orcid.org/0000-0003-0377-3482
claudiademarchi.adv@hotmail.com**Rafael Bassi¹**orcid.org/0000-0003-1289-2977
bassi.r@hotmail.com**Recebido em:** 16 dez. 2024.**Aprovado em:** 15 ago. 2025.**Publicado em:** 03 nov. 2025.

Resumo: Com base nas aventuras de Pinóquio, pretendemos, *a priori*, não criar um passaporte para uma leitura possivelmente frívola e fácil, mas instigar a curiosidade e os questionamentos do leitor por meio das concepções de Rildo Cosson, Ana Maria Machado e, principalmente, Alberto Manguel com a sua leitura do clássico de Carlo Collodi. Este último, utilizado como arrimo teórico básico que impõe a este texto sua primordial razão de existir: o paralelo entre a formação de um leitor crítico e eficiente e sua habilidade de exercer a cidadania para além dos padrões do senso comum que, não raras vezes, faz da sociedade uma vítima manipulada pelas superestruturas de poder.

Palavras-chave: Pinóquio; Manguel; teorias da leitura; escola.

Abstract: Based on the adventures of Pinocchio, we intend, *a priori*, not to create a passport for a possibly frivolous and easy reading, but to instigate the reader's curiosity and questions through the concepts of Rildo Cosson, Ana Maria Machado and, mainly, Alberto Manguel with his reading of Carlo Collodi's classic. The latter, used as a basic theoretical support that imposes on this text its primary reason for existing: the parallel between the formation of a critical and efficient reader and his ability to exercise citizenship beyond the standards of common sense that, not infrequently, makes society a victim manipulated by the superstructures of power.

Keywords: Pinocchio; Manguel; Reading Theories; School.

Resumen: A partir de las aventuras de Pinocho pretendemos, *a priori*, no crear un pasaporte para una lectura posiblemente frívola y fácil, sino suscitar la curiosidad y las preguntas del lector a través de los conceptos de Rildo Cosson, Ana Maria Machado y, principalmente, Alberto Manguel con su lectura del clásico de Carlo Collodi. Esto último, utilizado como soporte teórico básico que impone a este texto su razón primaria de existencia: el paralelismo entre la formación de un lector crítico y eficiente y su capacidad para ejercer la ciudadanía más allá de los estándares del sentido común que, no pocas veces, hace sociedad. una víctima manipulada por las superestructuras del poder.

Palabras clave: Pinocho; Manuel; teorías de la lectura; escuela.

Breves noções introdutórias

Pinóquio não nasce burro², pelo contrário, é curioso e irresignado desde quando era um pedaço de madeira e isso passa a defini-lo por um tempo: independentemente de ser uma marionete, ele vai além,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Usamos aqui esse termo pois é o constante na tradução de Collodi utilizada, inobstante preferimos outras expressões ao uso de tal palavra.

pois articula as letras do vocabulário, mesclando tal habilidade com a curiosidade e as peraltices que lhes são inerentes.

Nesse contexto, priorizando seu bem-estar, o boneco de Gepetto comete travessuras ímpares, nenhuma das quais equivalente à silenciosa algarra da leitura atenta, curiosa e crítica – dessa de cuja falta nosso mundo e país padecem.

Com arrimo em teóricos das teorias da leitura, da linguagem, da filosofia e da sociologia, pretendemos demonstrar a importância do ato de ler e, por outro lado, as limitações que a escola pode impor aos seus alunos no ensino da literatura e em outros tantos aspectos.

A necessária formação do leitor literário: não ler é uma perigosa burrice

Rildo Cosson (2020), ao narrar as "performances" do professor Keating no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, vale-se dos ensinamentos de referido mestre para associá-lo ao que denomina de paradigma da formação do leitor ou da fruição. Narrando a terceira *performance*, na qual o professor lê trechos da obra de Shakespeare declamando-o em uma ação dramática que leva seus alunos ao riso, pois propõe a dessacralização da obra do poeta britânico, afirma:

A atividade do professor é centrada exclusivamente na leitura da obra e não na sua explicação, análise ou aplicação de um saber literário ou de outra disciplina. Na continuidade, o professor sobe em sua mesa e incentiva os alunos a segui-lo para que vejam as coisas de uma posição diferente daquela a que estão habituados, urgindo que, ao lerem os textos, não devem se preocupar com o que o autor diz, mas sim com o que eles próprios pensam sobre o texto, promovendo a autoridade do leitor sobre a do autor do texto (Cosson, 2020, p. 129).

Em sentido semelhante, posiciona-se Alberto Manguel (2020c) ao explicar o fato segundo o qual o professor ou a professora tornam-se um perigo, um Sócrates capaz de "corromper" os jovens, alguém que, por um lado, deve ensinar os estudantes a pensar por conta própria e, por outro, deve cingir-se num sistema que impõe um freio ao pensamento reflexivo:

Há um feroz paradoxo no seio de todo sistema escolar. Uma sociedade deve transmitir a seus cidadãos o conhecimento dos códigos que a regem, de modo que todos possam participar ativamente dela; mas o conhecimento destes códigos, além da mera capacidade de decifrar um *slogan* político, um anúncio publicitário ou um manual de instruções, permite a esses mesmos cidadãos questionarem a sociedade, exporem seus males e buscarem uma mudança (Manguel, 2020c, p. 65).

O paradigma referido funciona como um guarda-chuva que recobre uma série de propostas teóricas e práticas escolares, algumas divergentes entre si, em temas diversos como o aprendizado da escrita, o hábito da leitura, o manuseio de textos impressos e as predileções literárias, todas atravessadas com a garantia de que a unidade do paradigma é a localização do ensino da literatura como sinônimo da formação do leitor (Cosson, 2020, p. 129).

Logo nas primeiras páginas, Collodi instala um conflito entre Pinóquio, o rebelde, e a sociedade na qual ele deseja se inserir. Antes de tomar a forma de boneco, ele não aceitava "ser visto e não ser ouvido". Em momento posterior, ele fica enfezado quando percebe que só tem algumas peras para comer. Quando pega no sono e queima os pés, espera que Gepetto faça-lhe pés novos, pois não acata silente o fato de estar inválido e sem alimento "numa sociedade que deveria garantir sua alimentação e seu tratamento médico". Todavia, ele compreende que precisa "contraprestar" seu pai humano, então promete ir à escola, estudar e tirar boas notas (Manguel, 2020c, p. 58-59). O boneco que quer virar menino compreende tratar-se a alfabetização de uma espécie porta de entrada para o exercício da cidadania:

Portanto, o primeiro passo para se tornar um cidadão é aprender a ler: Mas o que significa exatamente "aprender a ler"? Muitas coisas.

Primeiro, o processo mecânico de aprender o código da escrita em que a memória da sociedade é registrada.

Segundo, o aprendizado da sintaxe que rege esse código.

Terceiro, o aprendizado de como os registros nesse código permitem conhecer, de maneira profunda, imaginativa e prática, nossa própria identidade e a do mundo que nos rodeia.

Esse terceiro aprendizado é o mais difícil, o mais perigoso e o mais poderoso; e é o que Pinóquio nunca conseguirá completar. Pressões de todo tipo – as tentações com que a sociedade o desvia de sua meta, as agressões e a inveja dos colegas, os frios conselhos dos seus preceptores morais – impõem a Pinóquio uma série de obstáculos praticamente intransponíveis no caminho para se tornar um leitor de verdade (Manguel, 2020c, p. 59-60).

Num país como o Brasil, não se questiona a importância da alfabetização para o desenvolvimento da cidadania, afinal as utilidades “imediatas e visíveis” da leitura, como reconhecer itinerários de ônibus, ler placas e manuais de instrução, são valorizadas: é preciso saber ler para ser bem-mandado e cumprir ordens. Todavia, a leitura que tem sua significação questionada, segundo Ana Maria Machado (2011, p. 13-14), é outra:

É a leitura dos jornais, revistas, principalmente livros, a leitura daquilo que faz crescer. Tanto a leitura de informação aprofundada, que aumenta os conhecimentos, como a da literatura – sobretudo esta. Da primeira, é voz corrente dizer (com um ar superior e cheio de si, como se fosse verdade) que hoje em dia ela ficou inteiramente dispensável, substituída por meios de informação mais rápidos e eficientes, como a televisão ou a internet. Da literatura, desconfia-se, porque ela se diz elitista, coisa de intelectual de óculos que não faz sucesso na hora de namorar, algo que não tem nada a ver com a vida das pessoas, toma tempo de atividades mais interessantes e outras bobagens do gênero.

Para o paradigma da formação do leitor, a importância da literatura se sobrepõe ao pragmatismo pedagógico que lhe é inerente: a sua presença no ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento dos alunos como indivíduos. Nas crianças, propicia o desenvolvimento da imaginação, “nos adolescentes amplia os modelos identitários e, nos adultos, traz a reflexão acerca da sociedade na qual ele está inserido” (Cosson, 2020, p. 133). Ademais, a literatura é o instrumento mais eficiente para o desenvolvimento do gosto e criação do hábito leitor: “a formação do leitor crítico, autônomo, competente ou qualquer adjetivo que se acrescente ao substantivo leitor”, encontra, portanto, no texto literário seu caminho mais profícuo:

A ligação entre essas duas grandes razões se faz pela fruição do texto literário, pelo prazer de ler. É porque se constitui em uma leitura prazerosa que a literatura auxilia os indivíduos a se desenvolverem e modelarem suas vidas da infância à vida adulta. É porque se apresenta como deleite que a leitura literária inicia e consolida a competência de ler. Daí que essa forma de ler – a leitura prazerosa – seja ao mesmo tempo ponto de partida, parte do percurso e porto de chegada na formação do leitor (Cosson, 2020, p. 133).

Caracterizam objetivos específicos dentro do objetivo geral da formação do leitor, pois constituintes da base pedagógica do paradigma: “desenvolver o hábito da leitura, criar o gosto pela leitura e formar o leitor crítico-criativo” (Cosson, 2020, p. 134), leitor que Pinóquio não se tornou. Leitor raríssimo quando trazemos o contexto existente na obra para as circunstâncias persistentes em um país no qual o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) constatou que os analfabetos funcionais dividem-se em 8% absolutamente analfabetos, pois não conseguem ler palavras, frases ou números telefônicos, e 21% detentores de dificuldades como identificar ironias e sarcasmo em textos curtos e realizar operações básicas como cálculo de dinheiro (Lourenço, 2020).

Todo leitor se reflete em suas leituras: primeiramente, porque suas escolhas e ordem em que se encontram revelam sua lógica e estética; em segundo lugar, as rasuras nas páginas lidas apontam trechos nos quais ele sentiu sua própria voz e sentimentos no texto. Somos os únicos seres detentores da consciência de estarmos inseridos neste mundo, e é por meio da imaginação fomentada pela leitura que podemos reconstruí-lo para vivermos experiências diversas antes de as sentirmos em nossa própria pele (Manguel, 2020b, p. 49). Essa habilidade, desenvolvida pela leitura, teria evitado várias intempéries sofridas por Pinóquio, conforme demonstraremos ao longo desta pesquisa.

Entretanto, a leitura não pode ser classificada como um hábito, tal qual aqueles atinentes à higiene pessoal, por exemplo. Ou seja, há de haver prazer no ato de ler! É a leitura prazerosa a “arma eficaz a ser usada pela escola para

enfrentar a concorrência de outros meios de entretenimento, como a televisão, o videogame e a internet", que acabam consumindo o tempo da criança e fomentando sua indisposição para a leitura. Para impulsionar o gosto dos alunos pela leitura, a escola não deve torná-la uma atividade escolar tradicional; pelo contrário, sua ação deve se sintetizar em garantir acesso aos livros e fornecer, aos alunos, tempo para lê-los, ou seja, é competência da escola oportunizar aos estudantes textos variados e práticas de leitura apropriadas ao seu desenvolvimento. Eis um princípio praticamente epicurista e freudiano citado por Rildo Cosson (2020, p. 135):

Em síntese, desde que obedeça ao princípio do prazer, a escola pode mediar a leitura literária, seja na forma mais direta, como acontece nos anos iniciais com a passagem da oralidade para a escrita; seja de forma indireta, quando disponibiliza para os alunos um acervo diverso de textos literários a que eles de outra forma não teriam acesso ou desconheceriam, incluindo aqui, os textos canônicos ou de alto valor estético.

Sobre o desestímulo ao ato de ler por quem, teoricamente, intenta o oposto, posiciona-se de forma um pouco distinta Michèle Petit (2019, p. 42):

Entretanto, o fato de que muitos pais e profissionais veem na leitura, antes de tudo, uma garantia antifracasso ou um passaporte para a cidadania, tem efeitos perversos: essa atividade tornou-se uma obrigação, originando discursos de cunho moralizante sobre o fato de que ler é necessário, ou, pior ainda, de que é necessário desejar ler. E a ladainha sobre o fato de que "os jovens não leem mais" irritam os interessados, que veem nisso uma vontade de controle sobre seu suposto tempo livre, uma intrusão em seu universo. Dessa maneira, não é de se espantar que, para uma parte cada vez maior deles, a leitura seja uma tarefa ingrata à qual seria necessário submeter-se para satisfazer os adultos (ainda mais se estes insinuam que eles deveriam estar lendo em vez de assistir a séries estúpidas, ou se teimam em dar livros de presente quando eles sonham com videogames).

Não podemos olvidar do papel do professor na formação deste aluno leitor. Um problema relatado no paradigma da formação do leitor de Cosson é o imobilismo pedagógico ao qual o mestre pode direcionar-se uma vez que se

torna um mero "facilitador" do acesso aos textos ou um entusiasta da leitura. Há uma troca do eruditismo pela paixão do professor: deve ele ser um modelo de leitor e um mediador entre a leitura e seus alunos, leitores em potencial (Cosson, 2020, p. 140-141).

De mais a mais, há a esperança de a escola exercer a função de trincheira contra o excesso de produtos de cultura de massa, como a televisão, a internet e o *videogame* que acabam por roubar o necessário lugar do prazer da leitura e os benefícios dela oriundos. No entanto, em nosso sistema, ao final do ensino fundamental e no ensino médio, a leitura de fruição cede espaço a leituras obrigatórias entediantes para a maioria dos alunos (Cosson, 2020, p. 144).

Dentro do paradigma da formação do leitor, tal fato é enfrentado de diversas maneiras:

Elas vão desde o reforço do papel mediador do docente até o vale-tudo do ler por ler, passando por questionamentos das leituras escolares e elaboração de estratégias didáticas variadas que buscam resolver ou pelo menos mediar a situação. As soluções encontradas, entretanto, dificilmente serão satisfatórias no horizonte desse paradigma, podendo essa dificuldade de enfrentamento ser considerada uma de suas 'anomalias' (Cosson, 2020, p. 144).

Existem, nesse diapasão, duas questões estruturais salientes: a primeira atesta o fato de a leitura escolar passar, primeiramente, pela leitura ilustrada com o fito de o aluno aprender a ler e, posteriormente, tocar à leitura aplicada, na qual a aprendizagem é o objetivo. Nesse cenário, a leitura literária reina como prática na leitura ilustrada e fica em segundo plano na leitura aplicada. A segunda questão atine ao fato de o ensino da literatura figurar como uma forma de entretenimento em constante competição com outras no universo de cultura das crianças e dos adolescentes. Ensinar literatura é, portanto, "entreter e divertir a criança, sendo que o texto literário se mistura com outros textos, sem que sejam levadas em consideração suas especificidades" (Cosson, 2020, p. 145-146).

A atitude da educação brasileira, no tangente à leitura de literatura, mostra-se incapaz de fazer com que os alunos vislumbrem as riquíssimas

possibilidades de vivenciar a "algazarra silenciosa" existente nas estantes de suas bibliotecas. Seus responsáveis encanam com o desenvolvimento do "hábito da leitura" como se ele equivalesse a escovar os dentes ou levantar em determinado horário. Os alunos, portanto, não são expostos ao "entusiasmo da leitura, à alegria dos encontros com livros, por intermédio de professores leitores, apaixonados, capazes de contagiar" seus alunos com esse gosto (Machado, 2011, p. 22-23). Em suma:

Os pais, os professores e a escola precisam estar bem conscientes não só dos benefícios que as atividades envolvendo os textos literários trazem para a aprendizagem e o domínio futuro da escrita, mas também para o desenvolvimento e o fortalecimento dos vínculos sociais, culturais e afetivos na infância. A imaginação e a fantasia, todos nós sabemos, exploradas na manipulação dos textos literários, são elementos essenciais na formação da criança, assim como a literatura tem um papel relevante nas atividades com a linguagem escrita, o letramento e a alfabetização (Cosson, 2020, p. 146).

Entretanto, reprisando a quase onipresente ode ao "prazer de ler", Petit (2017, p. 42-43) fala de seu efeito contraproducente, pois ouvir falar nele quando ele nunca foi vivenciado pode afastar ainda mais um indivíduo da prática da leitura. Todavia, para os leitores que encontram prazer em ler, eventualmente ou não, ela parece basear-se em uma necessidade existencial, em uma exigência quase vital. E tais questões vão além da rentabilidade escolar, do "prazer" ou da distração, sendo dependentes de processos mais complexos não detalhados pela autora em seu texto.

Quem teme o poder da leitura e a potência dos livros?

Convém observarmos que os governos, especialmente aqueles com características autoritárias, nunca primaram pela leitura; diz-nos Alberto Manguel (2020c, p. 60):

Os governos sempre demonstraram uma opinião não muito entusiástica da atividade da

leitura. Não por acaso, nos séculos XVIII e XIX, foram baixadas leis proibindo o ensino da leitura aos escravos, mesmo que fosse da Bíblia, já que (como se argumentava com razão) a pessoa que pudesse ler a Bíblia, já que (como se argumentava com razão) a pessoa que pudesse ler a Bíblia poderia também ler um panfleto abolicionista. Os esforços e as estratégias que os escravos se desenvolveram para aprender a ler são prova suficiente da relação entre liberdade civil e o poder do leitor, bem como do temor que essa liberdade e esse poder infundem em todo tipo de governantes.

Falar da história dos livros requer falar da história da sua destruição, para além de fogueiras: um livro pode ser abortado ou menosprezado e, assim, aniquilado. A vontade de destruir livros é comum em todas as culturas, em todas as épocas. Sequer os escritores são inocentes. A título exemplificativo, David Hume exigiu que fossem banidos todos os manuais de metafísica (Manguel, 2020b, p. 47-48). Há algo por trás do medo do livro acompanhando a raça humana desde os seus primórdios:

É claro que a literatura pode não salvar ninguém da injustiça, das tentações da cobiça ou das desgraças do poder. Mas algo nela deve ser perigosamente eficaz, já que todo governo totalitário e todo alto funcionário ameaçado tentam eliminá-la queimando livros, proibindo livros, censurando livros, aplicando impostos sobre livros, limitando-se a fazer de conta que respeitam a causa da alfabetização, insinuando que a leitura é uma atividade elitista (Manguel, 2021, p. 158).

Sobre o estigma do leitor de literatura, convém atestarmos: ele não existe em vão, não é propagado inocentemente. Se há desvalorização de quem lê, há menosprezo ao seu discurso e, com isso, ignora-se a apologia à leitura possivelmente feita por determinado indivíduo. Assim fica mais fácil manter uma sociedade que não titubeia em acabar com livros.

Um livro nasce na imaginação do leitor, todavia, juntamente com tal poder imaginativo, cresce nele a habilidade de fazer inferências, de duvidar do que aparenta ser mas não é. Eis aí um dos grandes perigos da literatura: formar indivíduos críticos e desconfiados³ quanto ao auferido pela

³ Paul Ricoeur (2010, p. 279) usa tal termo ao abordar a função crítica do romance moderno que não conta com um narrador confiável que lhe guie em uma "viagem tranquila", de forma que a leitura "se torna um combate com o autor implicado, um combate que o recon-

leitura e, claro, quanto ao dito nas mais diversas formas enunciativas. Segundo Campos (2009, p. 58-59): "[...] ler consiste, essencialmente, num processo de construir cognitivamente uma espécie de código mental a partir de um código escrito [...] ler não é adivinhar, é decodificar e compreender".

Grice (*apud* Fiorin, 2010, p. 176), constatando eventuais divergências entre a significação de uma frase e o sentido enunciado por ela, formulou o conceito de *implicaturas*, que nada mais são do que as inferências advindas dos enunciados. Para o autor, a noção de implicatura é mais abrangente do que a de implicação, pois abarca as inferências obtidas pelas expressões linguísticas, pelo contexto e pelos conhecimentos prévios do falante, incluindo aqui as dos leitores. O autor distinguiu as implicaturas convencionais das implicaturas conversacionais. As primeiras são determinadas pela força das palavras usadas: na frase "ele é psicopata, mas é burro", o "mas" indicia que, apesar de ser psicopata – comumente considerado um indivíduo astucioso e inteligente –, a pessoa em questão não possui características compatíveis com o que o senso comum pode considerar a seu respeito (De Marchi, 2023, p. 151-152).

A Pragmática traz as distinções entre significação e sentido, frase e enunciado. Fiorin (2010, p. 168) afirma ser a frase "um fato linguístico caracterizado por uma estrutura sintática e uma significação calculada com base na significação das palavras que a compõem", enquanto o enunciado seria a frase somada às informações apreendidas no contexto de sua enunciação. Assevera Reyes (1994):

O que se pretende comunicar é transmitido em parte pelo que dizemos (o conteúdo proposicional) e, em parte (muitas vezes decisiva), pelo que não dizemos, mas que está subentendido no que dissemos. As implicaturas não formam parte do sentido literal de um enunciado, mas se produzem na combinação do sentido literal e do contexto. O uso linguístico, como diz Reyes, está regulado de tal maneira que torna possível que os falantes não só decodifiquem orações, mas que infiram a força dos enunciados onde aparecem as orações.

Enfim, tornemo-nos aqui à questão cuja res-

posta pretendemos encontrar: por que os detentores do poder temem o saber oriundo da leitura? É inóvel o fato de que, *aprioristicamente*, em relação ao aprendizado da leitura, devem as leis, num Estado de Bem-Estar Social minimamente organizado, proverem necessidades básicas como alimento, moradia e saúde. Manguel termina citando Collodi (2022, p. 60) quando faz referência às pressões dos republicanos para a instauração de um sistema de escolarização obrigatório na Itália: "A meu ver, até agora pensamos mais na cabeça que no estômago das classes que sofrem e passam necessidade. Pensemos agora um pouco mais no estômago". Verdade seja dita: sem alimentação de qualidade, não há espaço para o prazer da leitura literária. A tal da meritocracia apaga a regra em prol da exceção: a brasileira Carolina Maria de Jesus, por exemplo, foi uma dessas raras exceções. A regra é: sem comida no prato, mal se pensa, menos ainda se lê ou cria.

O próprio Pinóquio, quando imagina quais atitudes tomaria se tivesse 100 mil moedas e fosse um cavalheiro muito rico, almeja um grande palácio e uma biblioteca "cheia de frutas glaceadas e tortas, de panetones, rosquinhas de amêndoa e biscoitos com creme", pois sabe que livros não enchem barriga (Manguel, 2020c, p. 60). E, infelizmente, não enchem. Alimentam a alma, não o corpo faminto.

Chama-nos a atenção a interpretação das metáforas de Collodi feitas por Alberto Manguel (2020c, p. 60-61) em dois casos. No primeiro, quando os peraltas colegas de Pinóquio atiram seus livros contra ele e as obras acabam caindo no mar, momento no qual os peixes sobem para comer e acabam frustrados, pois seu "rancho" é muito melhor, fazendo-nos, leitores críticos, presumir que, em uma sociedade na qual os cidadãos não têm as suas necessidades básicas preenchidas, os livros são insuficientes. No segundo, um dos garotos arremessa o pesado *Tratado de Aritmética* contra o boneco, no entanto ele cai na cabeça de um menino chamado

Eugenio. A princípio, crê-se em sua morte, mas, posteriormente, descobre-se que ele sobreviveu (Collodi, 2022, p. 153).

Todavia, no texto de Manguel (2020c, p. 60-61), o rapaz acaba morrendo com a pancada, insinuando que, quando não é lido, o livro se torna uma arma letal. Neste ponto, o ensaísta argentino (Manguel, 2020a, p. 37) é ainda mais preciso no ensaio intitulado *Autor, editor, leitor*: "A relação do escritor com seus leitores é uma questão de vida ou morte. Se o escritor for lido, vive; se não, morre. Nada nem ninguém influencia nessa impiedosa decisão, salvo o leitor".

Tal qual ocorre nos dias atuais, com internet, *smartphones*, jogos, plataformas de *streaming* e facilidades do tipo, no texto de Collodi, Pinóquio é colocado diante de tentações de entretenimento impassíveis de lhe requererem algum esforço. A Raposa e o Gato afirmam que a escola os deixou inválidos, ela manca, ele é cego. Há, também, a criação do País da Brincadeira⁴ no qual, segundo Pavio, não há escolas, professores e livros. O personagem associa os livros a dificuldade, logo, "a expressão latina *per ardua ad astra*, 'através das dificuldades chega-se às estrelas'" é incompreensível para o boneco (Manguel, 2020c, p. 61) e, cremos, mais ainda para a maioria dos estudantes na atualidade, pois seduzidos pela obtenção de grandes lucros com o mínimo esforço. Eis o programa de inteligência artificial ChatGPT que "promete ser uma das mais poderosas revoluções culturais da humanidade comparável à descoberta de fogo, escrita, cidade, roda, café e piano" com imensos impactos sociais (Marshall, 2023). Não obstante, sobre esse advento e demais formas de facilidades reivindicadas e surgidas hodiernamente, não iremos nos aprofundar neste artigo sob pena de avariarmos os seus objetivos.

Resta-nos confirmar o fato segundo o qual a rapidez e o imediatismo são características primordiais da tecnologia digital e se opõem ao pensamento reflexivo que, por sua vez, requer tempo e profundidade, duas qualidades essenciais ao ato de ler (Manguel, 2020c, p. 66) e, obviamente,

te, de pesquisar e escrever. Em uma sociedade para a qual a lentidão e o esforço deliberado são abomináveis, não apenas o ChatGPT, mas quase tudo em nossa volta incentiva-nos ao não pensar, a nos contentarmos com lugares-comuns, enfim, com a linguagem do extremismo segundo a qual o mundo se divide em branco e preto, bom e mau, eles e nós (Manguel, 2020c, p. 67).

Tanto na sociedade collodiana, tanto em nossa sociedade tecnológica, há estímulo a "essa busca da dificuldade, essa acumulação de experiência" (Manguel, 2020c, p. 61). Após suas primeiras desventuras, Pinóquio entra na escola disposto a se tornar um bom aluno, porém passa a ser atacado por ser dedicado e prestar atenção nos professores. Quando a marionete se defendia dos ataques, diziam que ela havia falado como um livro:

A linguagem pode permitir ao falante permanecer na superfície do pensamento, repetindo lemas dogmáticos e lugares-comuns em branco e preto, transmitindo mensagens em vez de significados, pondo o peso epistemológico no ouvinte (como na frase "você sabe do que estou falando"). Ou pode ajudá-lo a recriar uma experiência, dar forma a uma ideia, explorar profundamente, e não apenas na superfície, a intuição de uma revelação. Para os outros garotos essa distinção é invisível. Para eles, o fato de Pinóquio "falar como um livro" basta para estigmatizá-lo como marginal, como um traidor, um recluso em sua torre de marfim (Manguel, 2020c, p. 61-62).

A literatura tem o poder de fazer-nos viver outras vidas sem abandonarmos a nossa, mas, muito além disso, é no campo do desenvolvimento da imaginação requerida por ela o local onde essa vivência se realiza, o que não ocorre quando assistimos um filme, uma série ou uma novela. Ler é uma forma especial de conhecimento, pois

Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite

⁴ Traduzido como "País da Farra" na versão do texto de Collodi que utilizamos.

entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso (Machado, 2011, p. 19).

Há, ao longo do livro, personagens como o Grilo-Falante, a Fada de Cabelo Anil e o estoico Atum que servem ou tentam servir como guias morais; todavia, nenhum deles faz o protagonista refletir sobre o significado de seu desejo de tornar-se um menino. Para Manguel (2020c, p. 62), essas figuras estão meramente interessadas na "aparência acadêmica do ensino", são professores inaptos, pois acreditam no dever de prestar contas à sociedade, não ao aluno. Em nossas escolas, muitos professores agem da mesma maneira: entregam o conteúdo, sem incentivar a reflexão e a correlação do tema com o que se passa na sociedade e na vida humana individual. Inobstante, apesar das limitações enfrentadas, Pinóquio galga os dois primeiros degraus da escala social da aprendizagem pela assimilação do alfabeto e leitura superficial de um texto, ponto no qual estagna:

A partir desse momento, os livros se tornam lugares neutros nos quais exercitar aquele código aprendido com o propósito de, no fim, extrair uma moral convencional. A escola o preparou para ler propaganda. Como Pinóquio não aprendeu a ler em profundidade, a mergulhar num livro e explorá-lo até seus limites às vezes inalcançáveis, nunca saberá que suas próprias aventuras têm fortes raízes literárias. Sua vida (ele não sabe) é de fato uma vida literária, um composto de antigas histórias nas quais ele poderia um dia (se aprendesse a ler de verdade) reconhecer sua própria biografia (Manguel, 2020c, p. 62-63).

No texto de Collodi (2022, p. 40), ao ouvir do boneco de madeira seu desejo de ir embora, pois logo seria mandado para a escola onde iria estudar, quando, em vez disso, preferia correr atrás das borboletas e trepar em árvores para apanhar passarinhos, o Grilo lhe censura dizendo que, agindo de tal forma, ele se tornaria um burro. Na sequência, faz a seguinte pergunta: "Se não lhe agrada ir à escola, por que não aprende pelo menos um ofício, para poder ganhar honestamente o pão de cada dia?". O boneco responde dizendo

inexistir alguma espécie de trabalho passível de agradar-lhe, pois se interessa mesmo em levar a "vida na flauta", forma de vida censurada pelo Grilo, segundo o qual ela só direciona as pessoas para hospitais ou prisões, que, verdade seja dita, não deixam de ser instituições aptas a cercear a liberdade de seus internos.

A questão relatada no referido parágrafo condiz com o fato de que, por melhores que sejam as intenções desse pseudoprofessor (o Grilo), ele não argumenta, não instrui. Suscitar o trabalho como forma de suprir o apreço ao estudo não é algo incomum em nossas sociedades capitalistas, porém, sabemos, não é a solução, embora seja o destino de boa parte dos leitores medianos, incapazes de ir além do básico da leitura.

Ora, a pobreza, realidade de Pinóquio e seu pai, é, antes de tudo, a ausência de liberdade, a impossibilidade de o indivíduo realizar projetos de vida que tenha motivos para valorizar e carência das capacidades básicas necessárias para assumir o comando da própria vida de forma que uma pessoa pobre não se sente agente de sua existência, mas "um sujeito paciente na loteria natural ou social, à mercê da própria sorte, sem poder buscar a felicidade da maneira que gostaria de escolher" (Cortina, 2020, p. 153).

Rebatendo, ironicamente, as duras críticas recebidas pela frase⁵ de João Ubaldo Ribeiro em apresentação no *Encontro Nacional Crer para Ver*, um programa educativo da Natura em parceria com outras entidades, ocorrido em São Paulo em novembro de 2008, Ana Maria Machado (2011, p. 11) deduz que o romancista estivesse um pouco irritado com a hipocrisia em torno da crise da leitura no Brasil, porém não sem razão; logo, a autora propõe uma tentativa de relevar tal irritação corrigindo seu autor:

Em vez de atribuir o descaso com livros à burrice, vamos atribuí-lo à ignorância. E vamos começar a discussão do assunto com uma formulação mais amena: não ler é sinal de ignorância. E, para não trair completamente seu pensamento, temos de admitir que fugir da leitura ou questionar sua importância também se confunde um pouco com falta de inteli-

⁵ "Deve-se ler porque é burrice não ler. Deve-se ler porque alguma estatística deve apontar que quem não lê é, em última análise, um burro. Não diria menos esperto, mas é mais burro do que quem não lê. E desfruta menos a vida".

gência. Até mesmo num círculo vicioso: quem não lê não desenvolve a própria inteligência e vive na ignorância. Então nem desconfia de como é importante ler. E vai se mantendo cada vez mais ignorante, enquanto perde as oportunidades de crescer intelectualmente e estimular a expansão da própria inteligência. Um desperdício tanto para quem já era muito inteligente mesmo sem ler como para quem não era.

Pinóquio, conforme profetizado anteriormente pelo Grilo-Falante e, teoricamente, influenciado pela Raposa manca e pelo Gato cego que lhe levam ao "País da Farra", torna-se de fato um pequeno burro. Falamos "teoricamente" porque os discursos desses personagens (Collodi, 2022, p. 70-71) reproduzem exatamente o pensamento da marionete exposto, anteriormente, em sua conversa com o Grilo. Ter as moedas de ouro que ganhou da Fada roubadas por eles no Campo dos Milagres (Collodi, 2022, p. 105) era algo, para ele, imprevisível, pois acreditava verdadeiramente na dialética persuasiva de seus "amigos". Talvez esse fato seja uma espécie de sintoma da sua burrice em fase de "instalação", afinal, para muito além da inocência, o boneco de madeira se achava muito malandro (Collodi, 2022, p. 107), muito mais do que, de fato, era, pois incapaz de sentir apreço pela essencialidade da leitura. Manguel (2017, p. 23-25), segundo o qual, "ouvir é em grande parte uma tarefa passiva; ler é uma tarefa ativa, como viajar", explica:

Viver, então, é viajar através do livro do mundo; e ler, abrindo caminho através das páginas de um livro, é viver, viajar pelo próprio mundo. Uma comunicação oral existe quase que exclusivamente no presente do ouvinte; um texto escrito ocupa toda a extensão do tempo do leitor.

Pinóquio, depois de venturas e desventuras, volta à Fada que exerce, na trama, uma função quase maternal, momento no qual há um diálogo franco entre eles:

"Ah! Cansei deste papel de marionete!", gritou Pinóquio, dando-se um tabefe. "Já está na hora de eu também me tornar um homem..."
"Você se tornará, se fizer por merecer..."
"Verdade? E o que posso fazer para merecer?"
"Uma coisa facilíma: dispor-se a ser um bom menino."

"E por acaso não sou?"

"Longe disso! Os bons meninos são obedientes; já você..."

"Eu não obedeço nunca."

"Os bons meninos tomam amor pelo estudo e pelo trabalho; já você..."

"Já eu passo o ano todo na vadiagem, bancando o vagabundo."

"Os bons meninos dizem a verdade..."

"E eu, sempre mentiras."

"Os bons meninos gostam de ir à escola..."

"E a mim a escola causa dores no corpo. Mas de hoje em diante quero mudar de vida."

"Promete?"

"Prometo. Quero me tornar um bom menino, e quero servir de consolo para meu pai... Onde estará meu pobre pai a esta hora?" (Collodi, 2022, p. 132).

Na sequência do diálogo, Collodi (2022, p. 134), por intermédio da Fada, elucida o funcionamento da sociedade humana capitalista para a qual o ócio é extremamente condenável: "Tenha ciência de que o ser humano, nasça ele rico ou pobre, é obrigado a fazer alguma coisa neste mundo: trabalhar, ter um emprego, uma ocupação". Toda a argumentação em prol da necessidade de ir à escola diz respeito à obtenção de conhecimentos hábeis a tornar-lhe um trabalhador, não necessariamente um profissional questionador e reflexivo. Pinóquio, certamente, não sabe, mas em sua desobediência havia algo de revolucionário; algo que a escola e a sociedade castraram e a ausência de leitura fomentou.

Em consonância com a famosa frase de João Ubaldo Ribeiro e com Ana Maria Machado, o discurso de Marmotinha ao consolar o boneco que, após meses em Cocanha, o "País da Farra", onde não havia livros, nem escolas, nem professores, começou a desenvolver orelhas de burro e a zurrar (Collodi, 2022, p. 165 e 174), diz-lhe estar "escrito nos decretos da sabedoria que todos os meninos indolentes que, abandonando os livros, as escolas e os professores" passando os seus dias na farra, irão, mais cedo ou mais tarde, transformarem-se em pequenos burricos destinados a terem seu couro vendido pelo, aparentemente, doce Homenzinho com cujo negócio ganhava muito dinheiro (Collodi, 2022, p. 179). Se, por um lado, a escola como um supersistema pode doutrinar e tirar dos indivíduos sua rebeldia, por outro,

os bons professores e a leitura podem salvar a todos de sofrerem demasiada exploração pelo simples fato de terem negligenciado o estudo e a leitura. Alberto Manguel (2020c, p. 65-66) conclui:

A escola, tanto no mundo de Pinóquio como no nosso, não é um campo de treino para a criança melhorar e se expandir, e sim um lugar de iniciação ao mundo dos adultos, com suas convenções, suas exigências burocráticas, seus acordos tácitos e seu sistema de castas. Não existe nada que se pareça com uma escola para anarquistas e, no entanto, em certo sentido, cada professor ou professora deve ensinar o anarquismo, deve ensinar os estudantes a questionar as normas e os regulamentos, a pedir explicação para todo dogma, a enfrentar as imposições sem se render aos preconceitos, a encontrar um lugar a partir do qual expressar suas próprias ideias, mesmo que isso implique opor-se a esse mesmo professor, e no limite livrar-se dele.

Depois de aprender a ler, Pinóquio apenas repetia a cartilha, tal qual um papagaio. Assimila as palavras escritas, porém não as digere: "os livros não passam a ser realmente seus, porque ele, no final das suas aventuras, continua sendo incapaz de aplicá-los à sua própria experiência". Na última página, ele se satisfaz por ter deixado de ser um boneco. Em um lapso de criatividade fantasiosa, Manguel (2020c, p. 63) assevera que, num capítulo não escrito por Collodi, o então menino Pinóquio continuaria se confrontando com a sociedade, porém "com uma linguagem imaginativa que os livros poderiam lhe ensinar por meio da memória, da associação, da intuição, da imitação"; neste texto inexistente, após a última página, enfim ele estaria pronto para aprender a ler. Enfim, ele seria um leitor.

A utilidade da leitura apta a superar o senso comum

Conforme anteriormente citamos, os processos lentos e demandantes de esforços são abominados na sociedade contemporânea e na de Collodi; contudo, seu boneco de madeira que se transformou em menino apenas se tornaria um indivíduo pleno se aprendesse a ler sem pressa, pelo esforço requerido em aprendizado lento e profundo. Num tempo ou noutro na trajetória da humanidade, é fácil ser ligeiramente letrado,

apto a acompanhar um filme, compreender um trocadilho em anúncios, ler *slogans* políticos e, sobretudo, usar aparelhos tecnológicos, mas,

[...] para ir mais longe e mais fundo, para ter a coragem de enfrentar nossos medos, dúvidas e segredos ocultos, para questionar o funcionamento da sociedade em relação a nós mesmos e ao mundo, precisamos aprender a ler de outra maneira, de uma forma diferente, que nos permita aprender a pensar. Mesmo que, no epílogo das suas aventuras, Pinóquio se transforme num garoto, no fim das contas continuará a pensar como um boneco (Manguel, 2020c, p. 67).

Do lado oposto à experiência superficial de leitura de Pinóquio, está a de Alice, de Lewis Carroll (1865), na qual, segundo Humpty Dumpty, qualquer palavra pode ser usada pelo falante para dizer qualquer coisa, seguindo, em nossa opinião, a tese defendida por Hermógenes em Crátilo, de Platão (385 a, p. 120). Inclusive, tal método é considerado um exagero das interpretações humanistas de acordo com Alberto Manguel (2020c, p. 64-65), nosso principal arrimo teórico nesta pesquisa. O autor se refere ao conceito de "senso comum" oriundo de Umberto Eco, para o qual tal concepção deve limitar nossas interpretações:

"Aprender a ler", portanto, consiste em adquirir os meios para apropriar-se de um texto (como faz Humpty Dumpty) e participar das apropriações de outros (como poderia ter sugerido o professor de Pinóquio). É nesse campo ambíguo entre a posse e o reconhecimento, entre a identidade imposta por outros e a identidade descoberta por cada um, que se encontra, acredito, o ato de ler.

Michel Foucault (1996, p. 8-9) expõe sua suposição segundo a qual em toda a sociedade "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos" que funcionam para "conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade". Elucida:

Sabe-se que a educação, embora seja de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que

impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (Foucault, 1996, p. 43-44).

Atestando ser demasiado abstrato dividir os rituais das palavras, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais, uma vez estarem eles ligados uns aos outros de forma a constituírem espécies de "grandes edifícios" garantidores da "distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos", esclarece o filósofo francês:

Digamos, em uma palavra, que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação de papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? Que é uma "escritura" (a dos "escritores") senão um sistema semelhante de sujeição, que toma formas um pouco diferentes, mas cujos grandes planos são análogos? Não constituiriam o sistema judiciário, o sistema institucional da medicina, eles também, sob certos aspectos, ao menos, tais sistemas de sujeição do discurso? (Foucault, 1996, p. 44-45).

Em conformidade com Milton José Pinto (2002), enquanto a primeira dimensão da semiose social é o ideológico, presente em um texto nas marcas ou nos traços existentes na superfície textual, visadas e procuradas por um analista de discurso, uma parte do ideológico também aparece num texto sob a forma de *preconstruídos*, ou seja, pelas inferências e pressuposições feitas pelo coemissor para suprir as lacunas e dar coerência à interpretação: um leitor sem senso crítico tem, para dizer o mínimo, dificuldades em realizar tal ato. Já a segunda dimensão dialoga com as concepções de Foucault, ou seja, trata-se da semiose do poder, afinal, "de maneira intuitiva, sabe-se que o poder está em jogo em qualquer interação comunicacional, de modo explícito como objeto de disputa" (Pinto, 2002, p. 44-46).

Um posicionamento manifestado por nós em outras pesquisas publicadas diz respeito à

importância da leitura crítica na interpretação de discursos midiáticos, afinal a nossa sociedade está repleta de Raposas mancas e Gatos cegos, de homenzinhos hábeis em lucrar com a limitação do senso crítico da maioria pouco letrada. Diante do papel da grande mídia na colonização das consciências com o fito de favorecer a elite dos endinheirados (Souza, 2017, p. 214), especificamente em nossa sociedade, é importante que nós, acadêmicos, professores, linguistas e pesquisadores, pensemos na importância de "plantar sementes de conhecimento e dúvidas no mundo" (De Marchi, 2023, p. 160).

Segundo Volóchinov (2021, p. 219) e o Círculo de Bakhtin, o livro é um discurso verbal impresso, um elemento da comunicação discursiva orientado para uma percepção ativa, ou seja, "para uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada" quando advinda de elaborações como "resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc."

O tema de qualquer enunciado se constitui além das formas linguísticas estritas como a morfologia e a sintaxe, mas também dos aspectos extraverbais da situação. Ele é tão concreto quanto o momento histórico ao qual pertence, enquanto a significação é o "artefato técnico de realização do tema", sendo, ao contrário dele, invariável (Volóchinov, 2021, p. 228-229)

As distinções entre o tema e a significação de um enunciado, no caso, um livro, ficam nítidas quanto ao chamado "problema da compreensão", sendo esta interpretada como dialógica, ou seja, "a compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo", ela busca ser uma contrapalavra à palavra do falante, no caso, do escritor do texto literário, em consonância com o Círculo bakhtiniano, para o qual somente a compreensão ativa pode dominar o tema, pois "um processo de formação só pode ser apreendido com a ajuda de outro processo também de formação" (Volóchinov, 2021, p. 232); em suma:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele

um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a sua compreensão.

Nesse sentido, portanto, quanto menos leituras e conhecimento tiver o leitor, mais precária será a sua interpretação/compressão de um texto e, claro, da própria realidade em seu entorno. A respeito disso, Bakhtin esclarece em "Os gêneros do discurso" (2016, p. 37):

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva ou vontade de produzir sentido por parte do falante, que determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa intenção verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado.

A conclusibilidade enunciativa corresponde a um aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso, escritores e leitores, quando se fala do gênero literário e demais escritos. O primeiro critério de conclusibilidade do enunciado se dá com a possibilidade de ser respondido ou, no caso dos livros, interiormente compreendido como consequência da leitura profunda e crítica (Bakhtin, 2016, p. 35). "Quanto mais unida, organizada e diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado e complexo será seu mundo interior" (Volóchinov, 2021, p. 208-209); neste sentido, inserimos as leituras prévias como constituintes de tal "coletividade", aquelas que dialogarão com qualquer tipo de texto com o qual o leitor venha a se deparar.

Verdade seja dita: além de sermos professores leitores apaixonados como nos ensinou Cosson em seu ensaio "Paradigma da Formação do Leitor" (2020), atestamos outra urgente necessidade:

Precisamos ser ativos para além do mundo acadêmico. Devemos nos adequar aos tempos hodiernos e agirmos através das nossas publicações em redes sociais, além, claro, da interação que temos com nossos conhecidos, como a atendente da padaria, a vizinha, a tia

que só lê o título das notícias, porque acha que "ler é chato". De nada adianta adquirirmos conhecimento para o trato unicamente com pessoas que possuem o mesmo nível cultural que nós. Devemos ser agentes na luta contra o discurso fascista, contra a desinformação, contra a tendenciosidade da mídia a favor da elite, contra a propagação de notícias falsas e contra o anti-intelectualismo. Podemos ser eruditos com pessoas que são tão eruditas quanto nós, mas precisamos democratizar nossa linguagem nos tornando acessíveis a quem valoriza nosso capital cultural, apesar de – por ausência de privilégios de classe – não tê-lo (De Marchi, 2023, p. 160-161).

E é em torno desses questionamentos que nosso texto encaminha-se para seu fim, visando um fato: a tarefa daquele que lê e, portanto, sabe e conhece mais o mundo, não pode, nem deve, ser passiva e resignada. Não se quisermos um mundo melhor em seus mais variados aspectos.

Conclusões antinômicas

Pinóquio é um boneco de madeira. Curioso, astuto. Em si convergem máximas antinomias. Todavia, nele reverberam todos os descontentamentos e, quiçá, revoltas de seu tempo. Irresignações com as instituições estatais que podem limitar sua liberdade e, consequentemente, seus anseios criativos.

E é isso que a escola representa para ele: um entrave à sua liberdade. Um entrave que não lhe oferece nada além de tédio. Pinóquio carece de professores minimamente apaixonados por literatura, afinal, vai estudar unicamente para desenvolver as capacidades básicas para se tornar um bom cumpridor de ordens, um empregado (possivelmente) medíocre que, por muito pouco, não teve seu couro de burrico arrancado vendido como ocorria com os jovens demasiado indolentes que habitavam o País da Farra.

Ao fim, Pinóquio, de boneco astuto e desobediente, se torna um menino resignado e incapaz de reconhecer suas potencialidades, de duvidar do mundo e das informações que lhe chegam. Suas farras minoraram, mas, assim como passou a agir como um bom menino, se transformou, também, em mais um cidadão alfabetizado que dista muito de ser um leitor crítico. A marionete que se transformou em humano passou a ser um

tipo de leitor ideal para não questionar a realidade do mundo em que vive.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.
- CAMPOS, Jorge. Leitura, cognição e inferência. In: PEREIRA, V.; SILVA, A. *Leitura e cognição: teoria e prática nos anos finais do ensino fundamental*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 58-59.
- CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho. Tradução de Maria Luíza X. A. B. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. In: MANGUEL, Alberto. *Como Pinóquio aprendeu a ler*. Notas para uma definição do leitor ideal. Tradução de Runia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2020.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio*. História de uma marionete. Tradução de Gianluca Manzi e Léa Nachbin. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2022.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Tradução Daniel Fabre. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- COSSON, Rildo. Paradigma da formação do leitor. In: COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da Literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- DE MARCHI, Cláudia. O uso da linguagem manipuladora em textos jornalísticos e o fortalecimento do antipetismo. In: SARAIVA, Luciano Mendes; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de (org.). *Educação e práticas interdisciplinares: linguagens e diálogos*. v. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/educacao-e-praticas-interdisciplinares-linguagens-e-dialogos-vol-1/>. Acesso em: 12 out. 2023.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística I*. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LOURENÇO, Tânia. Escolas brasileiras ainda formam analfabetos funcionais. *Jornal da USP*, São Paulo, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/escolas-brasileiras-ainda-formam-analfabetos-funcionais/>. Acesso em: 1 maio 2021.
- MACHADO, Ana Maria. A importância da leitura. In: MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MANGUEL, Alberto. Autor, editor, leitor. In: MANGUEL, Alberto. *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução de Runia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2020a. p. 37-40.
- MANGUEL, Alberto. Censura e sociedade. In: MANGUEL, Alberto. *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução de Runia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2020b. p. 47-56.
- MANGUEL, Alberto. Como Pinóquio aprendeu a ler. In: MANGUEL, Alberto. *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução de Runia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2020c. p. 57-68.
- MANGUEL, Alberto. Décima digressão. In: MANGUEL, Alberto. *Encaixotando a biblioteca: uma elegia e dez digressões*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Edições SESC, 2017.
- MARSHALL, Francisco. ChatGPT, a ética e a cidade. *Zero Hora*, Porto Alegre, 7 abr. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/francisco-marshall/noticia/2023/04/chatgpt-a-etica-e-a-cidade-clg5b2hcl002s015rhtkxqlqmo.html>. Acesso em: 11 out. 2023.
- PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2. ed. São Paulo: Hackers Editores, 2002.
- PLATÃO. *Crátilo*. Tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- Reyes, Graciela. La pragmática lingüística, montesinos, Barcelona, 1994. p. 60-65. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística. *Revista Estudos em Jornalismo*, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2077>. Acesso em: 4 maio 2021. ISSN 1984-6924. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.
- RICOEUR, Paul. O mundo do texto e o mundo do Leitor. In: RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Conteúdo 3 – O tempo narrado*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

Cláudia de Marchi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Mestra em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Direito (UPF), pós-graduada em Direito Constitucional (FESMP-RS).

Rafael Bassi

Formado em História (UFPR); graduando em Letras (UCS); especialista em História Cultural (UTP) e Filosofia Contemporânea (IMED); mestre em História (UFRGS) e Letras (PUCRS); doutor em História (UNICAMP) e em Letras (PUCRS); realizou estágio de pós-doutoramento em Filosofia (PUCRS).

Endereço para correspondência**CLÁUDIA DE MARCHI**

Avenida Ipiranga, 7903, apt. 304, Condomínio Ilha de Creta, Partenon

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

RAFAEL BASSI

Avenida Ipiranga, 7903, apt. 304, Condomínio Ilha de Creta, Partenon

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.